

A guerra contada: estudo de narrativas jornalísticas e históricas em diário e memórias

Maria Jandyra Cavalcanti Cunha (FAC/UnB) *

A França em 1940 era inacreditável. Não restara um homem. Foram as mulheres que começaram a Resistência. As mulheres não tinham direito a votar, não tinham conta em banco, não tinham emprego. Mas as mulheres eram capazes de resistir...

Germaine Tillion

Introdução

Após a tomada de Paris pelos nazistas em 1940, a historiadora e etnóloga Agnès Humbert (1894-1963) registrou, de forma pública ou privada, os horrores da opressão e violência impostos pela guerra. No jornal *Résistance*, ela e colegas hastearam a primeira bandeira pela Resistência Francesa, ao escrever, imprimir e distribuir textos de oposição ao regime colaboracionista de Vichy. Em diário e memórias, ela registrou o seu testemunho sobre um dos primeiros movimentos de resistência às tropas de Hitler; os anos que passou, depois de presa, nos cárceres nazistas; sua deportação para a Alemanha; o trabalho forçado em condições insalubres nas fábricas alemãs; e o período que trabalhou, ao lado das forças americanas, na desnazificação da cidade de Wanfried, seu último cativo.

Toda essa história está contada em *Resistência. A história da mulher que enfrentou Hitler*, de Agnès Humbert (2008), objeto deste trabalho. Início o artigo traçando o perfil político da escritora, ainda pouco conhecido entre brasileiros e, principalmente, brasileiras.

Quem foi Agnès Humbert

Filha de um senador francês e de uma escritora inglesa, Agnès Humbert nasceu em Dieppe, Alta Normandia, no norte da França. Passou sua infância em Paris onde, mais tarde, estudou pintura e desenho. Em 1916, com a idade de 21 anos, casou-se com Georges Hanna Sabbagh (1877-1951), artista plástico egípcio naturalizado francês. Com Sabbagh teve dois filhos: Jean Sabbagh, produtor

de televisão e diretor; e Pierre Sabbagh, oficial da marinha que se tornaria conselheiro do general Charles De Gaulle, líder das Forças Francesas Livres durante a Segunda Guerra Mundial.

Humbert estudou História da Arte na Sorbonne e no Louvre. Em 1936, já com 42 anos, publicou o seu primeiro livro, cujo tema foi o pintor neoclássico francês Jacques-Louis David (Ver Humbert, 1936.) Em Paris, trabalhou como historiadora de arte no Museu Nacional de Artes e Tradições Populares. O ATP (a própria escritora refere-se ao museu dessa forma) era vizinho do Museu do Homem, no Palais de Chaillot -- uma proximidade que se comprovaria politicamente relevante depois da *débâcle* de Paris, quando Humbert ajuda a tramar o que ficou conhecido como “a rede de resistência do Museu do Homem”.

Humbert foi secretária da Associação dos Intelectuais Franceses. Também tinha um programa na Rádio Paris, onde difundia arte. Como esquerdista e militante antifascista, colaborou ativamente na função de redatora e articulista da revista *La vie ouvrière (A vida operária)*, onde assinava com o pseudônimo de Delphine Girard. Também lecionou na Universidade Popular e foi ainda secretária da APECS, Associação para o Estudo da Cultura Soviética. No verão de 1939, viajou para a antiga União Soviética em viagem de pesquisa, na qual o foco eram museus e cultura.

Sobre seu compromisso político, ela escreveria em outro trabalho seu:

Nunca pertenci a qualquer partido político.

Minha instrução e minhas preferências pessoais fizeram de mim uma “mulher de esquerda”, profundamente apegada à Democracia e à Liberdade. Quando chegou a hora, eu estava preparada – como dezenas de milhares de outros franceses – para sacrificar todas as minhas idéias, meus sentimentos e a minha vida por esses ideais, durante um período de quatro anos. (Humbert, 2008: 305)¹

Temendo bombardeios à capital francesa depois que as tropas alemãs chegaram à França em maio de 1940, a direção do Museu Nacional de Artes e Tradições Populares evacua o local e retira seus funcionários para zonas mais seguras. Humbert vai ao encontro de sua mãe em Vicq-sur-Breuilh, a 25 quilômetros ao sul de Limoges. É lá que ela ouve, por transmissão radiofônica de Londres, o discurso do general Charles De Gaule, líder das Forças Francesas Livres. A exortação de De Gaule para que o povo francês resistisse aos nazistas teve um impacto grande em Humbert que, chamada de volta ao trabalho em agosto, procura colegas do Museu do Homem para iniciar um movimento de resistência.

Embora a rede de resistência do Museu do Homem esteja indubitavelmente ligada a homens como o etnólogo Paul Rivet, diretor do museu, o linguista Boris Vildé, seu assistente, o conservador

¹ Originalmente, essas palavras de Humbert foram escritas na introdução de seu livro *Vu et entendu en Yougoslavie* (1950).

de arte e escritor Jean Cassou, o antropólogo Anatole Lewitsky e o escritor Claude Aveline, havia mulheres que atuaram ativamente. Além de Agnès Humbert, destacam-se nomes como os da antropóloga Germaine Tillion e sua mãe, a escritora e crítica de arte Émilie Tillion; da bibliotecária do Museu do Homem, Yvonne Oddon; e da egiptóloga Christiane Desroches, ligada ao Museu do Louvre.

Detalhes desse período foram descritos pela própria Agnès Humbert no diário que ela iniciou em 7 de junho daquele ano e que se tornaria, por sua precisão e imediatismo, uma fonte de informação importante sobre os primórdios da Resistência Francesa.

Mulher combativa, de “temperamento extrovertido, impetuoso e temerário” (Casou, 1981:138), Agnès Humbert escondia nas meias os panfletos, que ela mesma datilografava, com notícias da França livre na capital britânica, e depois os colocava disfarçadamente nas cestas de compras das pessoas no mercado. Enquanto seu colega Jean Cassou percorria banheiros para colocar panfletos com saudações, como *Vive le general De Gaulle!*, nenhuma cédula de dinheiro passava por suas mãos sem que ela escrevesse palavras de ordem antialemães (Brossolette, 1976). Sobre as suas ações, a própria Agnès Humbert escreveu em 25 de setembro de 1940 e em 30 de janeiro de 1941, respectivamente:

Esta noite, assim que escurecer, colarei nos muros do meu bairro uma remessa inteira de cartazes que fabriquei com etiquetas adesivas. Sobre as etiquetas, com a ajuda da máquina de escrever de letras grandes do museu, escrevi: “Viva o general De Gaulle!”. Distribuí cartazes similares a todos os nossos amigos que se divertem como crianças com a idéia de colá-los, seja num mictório, numa cabine telefônica, nos corredores do metrô... Maurice Braudey, o único guarda do museu que é dos nossos, faz melhor ainda: segue os caminhões alemães em sua bicicleta e neles gruda, cuidadosamente, pequenos cartazes sobre os quais datilografei – sempre com a máquina de letras grandes – “Apoiamos o general De Gaulle”. Maurice Braudey também espalha panfletos na periferia, nos meios operários em que milita há muitos anos. (Humbert, op. cit., pp.24-23).

Cassou e eu saímos à procura de uma galeria desocupada. [...] Mostro a Jean meu último feito. “Bato” em letras vermelhas numa nota de cinco francos, azul e branca, “Viva o general De Gaulle”. Dificilmente se jogam fora cinco francos... a gente repassa. É só o que peço. Cassou ri e me confessa que percorre “os mictórios”. O general de Gaulle que perdoe estes humildes criados pela indignância de suas ações... (Humbert, op. cit., p. 35)

Dos panfletos, Humbert e seus colegas partiram para a publicação do jornal *Résistance*, que ela distribuía nas linhas do metrô.

Preso pela polícia secreta nazista, a temida Gestapo (*Geheime Staatspolizei*), é enviada à prisão. Primeiramente são prisões nazistas na própria França (Cherche-Midi, La Santé e Fresnes) e, depois de deportada, na Alemanha (Aranth, Ziegenhaim, Wanfried). Especialmente em solo alemão,

com os trabalhos forçados, sua saúde se debilita muito. Quando finalmente é resgatada por forças militares americanas em Wanfried, Agnès Humbert passa a trabalhar na desnazificação da Alemanha.

Após retornar à França em junho de 1945, Agnès Humbert recusou-se a trabalhar no Museu de Artes e Tradições Populares, transferindo-se para o Museu Nacional de Arte Moderna, criado em 1947 para substituir o Museu de Luxemburgo. Lá voltou a trabalhar ao lado do escritor Jean Cassou, seu companheiro na resistência, agora um dos fundadores e primeiro diretor do novo museu.

Mantendo o seu ativismo político, Agnès Humbert funda o grupo local de esquerda *Combattants de la Liberté* (Combatentes da Liberdade), da qual se torna presidente. Aceita também ser presidente da organização feminina *Les amies de Paix* (As amigas da Paz), de onde é expulsa após voltar de viagem à Iugoslávia, em 1950, quando elogiou o presidente Josip Broz Tito (1953-1980) que havia sido o líder dos *partisans* durante a II Guerra Mundial e, naquele momento abria uma inédita dissidência com o centralismo do Kremlin em Moscou². Por isso, também, Humbert recebeu uma censura pública do servil diário comunista *L'Humanité*.

Com a saúde bastante afetada pelas provações enfrentadas na guerra, Humbert passou seus últimos anos escrevendo livros de arte ao lado do filho Pierre e sua nora, na aldeia de Valmondois, Île-de-France. Ali foi enterrada, depois de morrer em Paris em 1963. (Blanc, 2008).

O registro público da guerra

A idéia de um jornal foi discutida pela primeira vez entre Agnès Humbert e Jean Cassou. O jornal começa a se materializar depois de um encontro entre Humbert, Paul Rivet e Boris Vildé narrado no diário da historiadora, em uma entrada datada de 25 de setembro de 1940. Até então, o grupo do Museu do Homem apenas difundia panfletos que surgiam esporadicamente. Essa atividade de contrapropaganda é logo seguida por uma mais séria, a redação dos próprios panfletos.

O primeiro panfleto produzido pelos “Franceses Livres da França” – como Humbert denominou o grupo de resistentes do Museu do Homem –, intitulado *Vichy fait la guerre* (Vichy faz a guerra), tem uma tiragem de “vários milhares de exemplares”. O texto, escrito por Jean Cassou, estigmatiza a atitude do Governo de Vichy e discute o episódio do ataque das forças de De Gaulle ‘a frota em Dacar, no qual “franceses atiraram em franceses” . (Blanc, op. cit. pp. 254-45).

² Depois da II Guerra Mundial, Tito rejeitou a liderança do soviético Josef Stalin — que queria controlar ideologicamente os Estados comunistas da Europa oriental — e tornou-se um dos principais líderes no movimento dos não alinhados, adotando uma postura de neutralidade em relação à Guerra Fria.

Quando a decisão de produzir um jornal é tomada, um comitê de redação é escolhido: Jean Cassou, Anatole Lewitsky e Claude Aveline. Humbert toma para si o papel de secretária da redação. Ordenava tarefas, datilografava os textos, escrevia e editava. Também os distribuía.

O fato de Agnès Humbert ter sido secretária da Associação dos Intelectuais Franceses facilita seu trânsito entre os colegas. Com muitos contatos, ela serve de ponte entre aqueles que já estão no grupo e os que ela passa a recrutar, como o jornalista Pierre Brossolette. Quando o cerco da polícia nazista começa a se fechar em torno do grupo e os três editores precisam ‘desaparecer’, Agnès é encarregada da edição do jornal. Ela, então, chama Brossolette para o lugar de editor do jornal.

Saíram seis edições (de dezembro de 1940 a março de 1941) do *Résistance*, que se compunha de duas partes distintas. Os editoriais eram escritos por Vildé e Lewitsky, enquanto que o restante, sob a coordenação de Cassous, era escrito pelo comitê de redação, do qual Humbert fazia parte.

O registro privado da guerra

No livro *Resistência. A mulher que enfrentou Hitler*, dois gêneros – diário e memórias – são utilizados em uma mesma estrutura narrativa. Essa obra híbrida, embora publicada no Brasil somente em 2008, foi editada na França em 1946, logo após o término da Segunda Guerra Mundial, com o título *Notre Guerre. Souvenirs de Résistance*.

As memórias são relatos que um(a) escritor(a) faz de acontecimentos fundamentados em sua vida, ou mesmo de eventos históricos dos quais participou ou foi testemunha. Essa narrativa depende muito da própria memória que, em psicologia cognitiva, é a faculdade de conservar e lembrar estados de consciência passados e tudo quanto se ache associado aos mesmos. Seu conteúdo, entretanto, está mais relacionado com o que é visto como memórias pela psicologia analítica: reminiscências que nos ocorrem como resultado de experiências já vividas, lembranças daquilo que marcou o nosso espírito. Por isso, a narrativa desse gênero textual pode ser fragmentada. Sua hierarquização é fundamentalmente uma escolha individual do(a) autor(a).³

O diário, diferentemente das memórias, nem sempre trata de uma temática de ordem pessoal. Isso acontece quando ele é usado para anotações e reflexões do/a próprio/a autor/a, sempre de uma forma subjetiva. O diário pode ser uma redação mais objetiva, que lida com questões não pessoais,

³ Um exemplo do gênero memórias é o livro *Cuando era puertorriqueña*, de Esmeralda Santiago (1994), sobre o qual escrevi dois artigos, analisando, em particular, questões sociolinguísticas na construção da identidade em processos migratórios. Ver Cunha, 2003 e 2007a.

mas de interesse social, político e histórico.⁴ Como gênero textual, é um registro sequencial, que não necessariamente obedece a uma cronologia formal, com obrigatoriedade de anotações diárias. Ainda que possa haver interrupções, a datação do texto é uma das principais características do gênero. Outra característica do diário é o armazenamento da matéria bruta, no que difere substancialmente das memórias, que é sempre um material retrabalhado e polido. A questão da temporalidade também marca o diário de forma distinta: ele trata de fatos ainda presentes, enquanto as memórias lidam necessariamente com o passado.

É com o diário – redigido entre 7 de junho de 1940 e 13 de abril de 1941, dois dias antes de sua prisão pela polícia alemã – que o livro inicia. Estende-se por dois capítulos que abordam a derrocada da França, os primeiros meses da ocupação de Paris e também as atividades da autora no seio da resistência recém nascida.

Três quartos do livro – do terceiro ao nono capítulos – são memórias. Humbert relembra o que passou nas prisões francesas e, depois de sua deportação para a Alemanha, nas prisões nazistas. Ela também conta sobre os trabalhos forçados a que foi submetida e sobre a degradação física que sofreu. Esse período de horror e violência é a parte central da narrativa e foi reconstituído *a posteriori*, a partir de lembranças. Proibida de guardar lápis e papel consigo, Humbert não conseguiu fazer anotações enquanto estava presa. Seu registro baseou-se em ‘notas mentais’.⁵

No décimo e último capítulo, intitulado ‘A caça aos nazistas’, Humbert retoma o gênero textual diário. Após quatro anos, a historiadora voltou a fazer anotações diárias depois de ter sido libertada pelo Terceiro Exército dos Estados Unidos, em junho de 1945. Seus apontamentos, datados entre 4 de abril e 9 de junho de 1945, descrevem sua ação junto aos serviços americanos nas primeiras semanas após a derrocada dos alemães.

Desde a virada do século, existe um interesse acadêmico cada maior por diários e memórias de mulheres, outrora ignorados pelos críticos literários e historiadores. Novos estudos mostram que esses dois gêneros textuais revelam a intimidade de atitudes, sentimentos e perspectivas que dificilmente seriam conhecidos em documentos públicos.

Em uma única construção narrativa, o diário e as memórias de Agnès Humbert – ainda que com temporalidades distintas (o diário relatando fatos ainda presentes e as memórias relembando

⁴ O diário pode ser usado com diferentes fins: entre outros, observação escolar, correspondência jornalística, registros históricos e pesquisas etnográficas. Em trabalhos anteriores, abordei o uso do diário em diferentes áreas, ver Cunha, 1999; 2007b; 2011.

⁵ No trabalho etnográfico de campo, chama-se de ‘nota mental’ uma imagem pormenorizada, não grafada ou gravada, à qual recorremos quando o uso da instrumentação (bloco de notas, gravador, câmera ou filmadora) for considerado intrusivo. A nota mental, com maior ou menor frequência, está sempre presente no processo de observação embora só se tornem objeto de pesquisa empírica quando documentadas em registros formais (Cunha, 2007b).

fatos passados) – se complementam no livro *Resistência. A história da mulher que enfrentou Hitler*. As memórias preenchem as lacunas e o silêncio (à época necessário) do registro feito no diário. Juntos, diário e memórias compõem o testemunho de Humbert sobre um período importante da história da Segunda Guerra Mundial, em particular, da Resistência Francesa.

Originalmente publicado um ano após o final da guerra, em 1946, o imediatismo do registro de Humbert dá grande valor documental a seu livro, que hoje é fonte essencial para aqueles que estudam os primórdios da Resistência Francesa e a deportação de prisioneiros franceses – homens, mulheres e crianças – para a Alemanha.

Observações finais

Neste trabalho fiz apenas o registro das práticas de escritura, pública e privada, de Agnès Humbert: sua participação na redação e editoração do jornal *Résistance* e suas anotações em diários e nas memórias (notas mentais). Não fiz aqui a análise de conteúdo dos textos produzidos nessas práticas.⁶

Ainda assim, é possível afirmar que suas práticas de letramento são práticas sociais inseridas no contexto histórico e cultural específico⁷ de uma França vencida pelas tropas do III Reich, mas com uma parcela grande de franceses conscientes de seu papel contra a opressão e a violência impostas pelo nazismo. Uma parte deles, intelectuais que integravam a rede de resistência do Museu do Homem.

Nesse contexto histórico e cultural, sobressaem muitas mulheres, algumas anônimas, que ousaram desafiar Hitler. Meu trabalho registra o perfil de apenas uma de suas maiores batalhadoras: Agnès Humbert.

Referências bibliográficas

- BARTON, David. *Literacy: an introduction to the ecology of written language*, Londres: Blackwell, 2a. ed., 2007 (1994).
- BLANC, Julien. Posfácio. In : Humbert, 2008, pp. 237-292.

⁶ O conteúdo do livro citado foi analisado no artigo ‘Diário e Memória: a guerra de Agnès Humbert. Opressão, resistência, violência e libertação.’, a ser publicado, à parte, em livro que reunirá os trabalhos apresentados na mesa redonda ‘Literatura em Diálogos Interdisciplinares: Feminismo, violência e libertação’ do V Seminário Internacional Mulher e Literatura, ‘Palavra e Poder: Representações Literárias’, no dia 5 de agosto de 2011.

⁷ Para uma visão social de letramento, ver, entre outros, Barton (2007)

BROSSOLETTE, Gilberte. *Il s'appelait Pierre Brossolette*, Paris: Albin Michel, 1976.

CASOU, Jean. *Une vie pour la liberté*. Paris : Robert Laffont, 1981, p. 138.

CUNHA, Maria Jandyra C. *Diário com sangue. Ação e reflexão em narrativas jornalística de guerra*. **Revista Intercâmbio dos Congressos de Humanidades**. Brasília: UnB, 2011a. Disponível em <http://unb.revistaintercambio.net.br/24h/pessoa/temp/anexo/1/1284/2077.pdf>. Acesso em 2/5/2012.

_____. Memórias da migração: a identidade em penitência. In: Cunha, M. J. C. et al. *Migração e identidade: olhares sobre o tema*. 1ª. ed, São Paulo: Centauro, 2007a, pp. 17- 41.

_____. Pesquisa aplicada na área de português para falantes de outras línguas: procedimentos metodológicos. In: Cunha, M. J.; Almeida Filho, J. C. P., *Projetos iniciais em português para falantes de outras línguas*. Brasília: Pontes, 2007b, 57-85.

_____. Identidade em migrações literárias. *Revista Planalto (Literatura)*, Brasília, no. 1, pp. 94-110, 2003.

_____. O uso do diário na pesquisa etnográfica da sala de aula. *Cadernos de Linguagem e Sociedade (Papers in Language and Society)*, vol. 3, no. 2, pp. 72-83, 1997 (1999).

HUMBERT, Agnès, *Resistência. A história de uma mulher que desafiou Hitler. (Notre guerre)*. Trad. Regina Lyra. 1ª. ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

_____. *Notre guerre; souvenirs de Résistance*, Paris: Éditions Émile-Paul Frères, 1946.

_____. *Vu et entendu en Yougoslavie*. Paris: Deux-Rives, 1950.

_____. *Louis David (Les Maitres)*, 1o. vol., Paris: Braun et Cie Coll, 1936.

SANTIAGO, Esmeralda. *Cuando era puertorriqueña*. 1ª. ed., Nova York, Vintage Books/Random House, 1994.

* **Maria Jandyra Cavalcanti Cunha** é doutora em Linguística (Lancaster University, Reino Unido) e mestre em Letras (UFSC), com estudos de pós-doutoramento em Linguística Aplicada (Unicamp) e em Comunicação (Universidade de Brasília). Lecionou no Instituto de Letras da UnB (1987-2003) e na Faculdade de Humanidades e Artes da West Indies University, no Caribe inglês (2003-2005). Desde 2006 é Pesquisadora Associada do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação da UnB, onde trabalha com narrativas históricas e correspondência de guerra.